

“O SHOW DE TRUMAN” NA PERSPECTIVA DA “MÍDIA VÍDEO”: UMA ANÁLISE CRÍTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

FOLETTTO, Denize da Silveira¹ – Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
TREVISAN, Amarildo Luiz² – Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

O artigo apresenta um estudo sobre a importância da utilização da “mídia vídeo” no processo ensino e aprendizagem. No relato se discute o potencial do vídeo como ferramenta didática. O trabalho realizado com vinte e um alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma Escola Estadual analisa o tema do *reality show* inserido no filme “O Show de Truman – O Show da Vida”. O propósito é analisar como a sociedade de consumo recebe as imagens referentes ao *reality show*, e como os idealizadores do programa conseguem manipular a consciência do telespectador. A análise realizada pelo grupo de alunos e professora evidencia que a longa-metragem é, sobretudo, uma reflexão do poder que a mídia exerce sobre as pessoas e os padrões de consumo e comportamento existentes. A discussão é realizada seguindo alguns passos metodológicos que serão apresentados no trabalho, tendo presente a relação do tema com a indústria cultural. Pode-se afirmar que a “mídia vídeo” contribui efetivamente no processo ensino e aprendizagem, podendo ser amplamente utilizada pelos educadores.

Palavras-Chave: Indústria Cultural; Vídeo; *Reality Show*.

Abstract

This article presents a study about the importance of using "media video" in the teaching and learning. In the report discusses the potential of video as a teaching tool. The work carried out with twenty-one students from 3rd grade of high school in a state school examines the theme of reality show inserted in the movie "The Truman Show, The Show of Life." The purpose is to analyze how the consumer society receives the images for the reality show, and how the creators of the program can manipulate the viewer's consciousness. The analysis performed by the group of students and teacher shows that the film is primarily a reflection of the power that media has on people and patterns of consumption and behavior exist. The discussion takes place following some methodological steps that will be presented in the work, bearing in mind the relationship of the subject with the cultural industry. It can be argued that the "media video" contributes effectively in the teaching and learning, and can be widely used by educators.

Keywords: Culture Industry, Video, Reality Show

Considerações iniciais

As tecnologias e as novas linguagens de comunicação fazem parte da sala de aula. A linguagem das mídias, carregada de imagens, movimentos e sons, chama a atenção dos jovens. Promover espaços para a utilização desse novo modo de linguagem e o diálogo entre elas auxilia os alunos a trazerem a sua realidade para a sala de aula e a

¹ Aluna do Curso de Especialização em Mídias na Educação/ UFSM

² Professor Orientador do Curso de Mídias na Educação/UFSM

se expressarem de acordo com o seu mundo. Porém, somente o acesso não é suficiente. É preciso educação de qualidade para que os alunos atribuam significado às informações recebidas e utilizem as tecnologias para resolver problemas de sua vida e de seu contexto.

Neste artigo, pretende-se relatar experiência de utilização do vídeo como recurso pedagógico. A proposta iniciou no curso de Especialização em Mídias na Educação quando foi solicitado na disciplina de “Planejamento, Gestão e Avaliação do uso das Mídias Integradas”, um projeto que contemplasse a inserção de uma mídia em sala de aula.

Com base nesses preceitos, relata-se aqui o resultado de um projeto utilizando a mídia vídeo, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio João Isidoro Lorentz, na cidade de Formigueiro/RS, com uma turma de 21 alunos da 3ª série.

Desse modo, foi escolhido o filme “O Show de Truman”, produzido em 1998 e dirigido por Peter Weir. Trata-se de uma sátira aos *reality shows*, que procura evidenciar “a todo instante uma tentativa de nos moldar de alguma forma e a publicidade representa uma das ferramentas fundamentais para incutir ‘necessidades’ nos indivíduos” (Nascimento, 2007).

Isto posto, a pergunta que norteia o problema desta proposta é: será que a “mídia vídeo” pode efetivamente contribuir para o processo ensino e aprendizagem de modo que instigue o aluno a construir o seu próprio conhecimento crítico?

O vídeo não substitui a comunicação intersubjetiva³ presente nas relações, mas fornece os conteúdos para as situações de interação entre os estudantes. Sendo assim, o objetivo do trabalho é perceber a “mídia vídeo” como um agente motivador de aprendizagem, a fim de promover uma formação ativa, crítica e criativa no sujeito para que o mesmo vislumbre o caminho para a emancipação e a cidadania⁴.

A intenção do trabalho é focar o tema promovendo, inicialmente, uma breve reflexão teórica sobre a utilização do vídeo em sala de aula e, na sequência, tratar acerca

³ Intersubjetividade significa a interação entre diferentes sujeitos que constitui o sentido cultural da experiência humana. O problema da intersubjetividade está relacionado à possibilidade de comunicação, ou seja, de que o sentido da experiência de um indivíduo, como sujeito, seja compartilhado por outros indivíduos. Trata-se de noção encontrada contemporaneamente na fenomenologia e na filosofia analítica da linguagem, com o objetivo de superar o subjetivismo e o solipsismo (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 151). A intersubjetividade foi incorporada pela teoria da ação comunicativa de Habermas e é entendida, nesse caso, como uma condição inerente à situação humana (no mundo da vida) e, a linguagem é o *médium* indispensável de sua interação.

⁴ Educação para a cidadania significa neste contexto resgatar os ideias de democratização do conhecimento e da informação como instrumentos de emancipação.

das estratégias pedagógicas para a utilização dessa ferramenta. A seguir, não só apresenta-se o filme utilizado, como também, serve-se de duas cenas para tecer um olhar crítico sobre o *reality show* inserido no filme, com o propósito de analisar como a sociedade do consumo recebe as imagens referentes ao “O show de Truman – O show da vida”, e como os idealizadores do programa conseguem manipular a consciência do telespectador. Ainda, na continuidade, descreve-se sucintamente o papel desempenhado pela indústria cultural e apresenta-se o caminho metodológico percorrido. Por último, conclui-se reafirmando a importância de uma educação em que o sujeito possa descobrir seus próprios valores e significados.

Reflexão sobre o uso do vídeo em sala de aula

Segundo o autor Dorneles et alli (2009), o primeiro circuito fechado de televisão chegou ao Brasil a partir de 1939. Por sua vez afirma que: “O Brasil foi o primeiro país da América do Sul a utilizar esse meio de comunicação de massa, que se consolidou no início de 1950, com o jornalista Francisco de Assis Chateaubriand” (*Ibid.*, p. 01). Ainda de acordo com o autor, primeiramente, a televisão era vista apenas como instrumento de entretenimento e informação. Somente a partir de Programas como Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares, lançado pelo Projeto Saci, cuja finalidade era instalar um sistema nacional de teleducação com o emprego de satélite, ela passa também a ser reconhecida como instrumento de formação.

Em tal contexto, “Tudo que passa na televisão é educativo. Basta o professor fazer as intervenções certas e proporcionar momentos de debate e reflexão” (MORAN, 1993, p. 36). Sendo assim, a utilização da televisão/vídeo como recurso didático pode impulsionar inovações na educação, auxiliando na aprendizagem do aluno. Os recursos audiovisuais são ferramentas muito enriquecedoras e para que a aprendizagem nesse contexto tenha algum sentido, reside aqui, uma importante tarefa para a escola: conhecer e explorar as preferências e interesses de seus educandos pensando a educação de acordo com a realidade de seus alunos. Incluir a “mídia vídeo” no espaço escolar é uma forma de fazer o diferencial, “mas não se trata só de saber o que passa [na televisão], ou seja, a informação, mas de pensar, refletir, entender, saber analisar aquilo que lhe é repassado” (GUARESCHI, 2005, p. 33).

De acordo com Moran “o vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula.

Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso” (1993, p. 40). Nesse sentido, uma prática reflexiva compromissada com o coletivo é capaz de modificar posturas. Essa mudança de postura se dá através da busca de referenciais, discussão de práticas e propostas de novas reflexões. O processo formativo puramente reprodutivo pode gerar rotina, monotonia, desinteresse, apatia, evasão escolar e repetência.

Para os professores utilizarem adequadamente as mídias na sala de aula, muitos são os obstáculos a vencer. Vários são os fatores que poderiam colaborar para a preparação dos professores para a utilização das mesmas, como por exemplo, a formação através de cursos/eventos, a participação em oficinas de aprendizagem e a troca de experiências, numa constante busca pela formação pessoal/profissional e cultural.

Na busca de interação ensino-aprendizagem, o vídeo é um mediador em que o conhecimento pode ser explorado sem limitações, proporcionando ao professor introduzir os conteúdos de forma criativa e motivadora. A esse respeito, Leonardo Carmo assim se expressa:

O filme não deve funcionar como suporte para conteúdos desta ou daquela disciplina. O filme deve o conteúdo à matriz do conhecimento. Nessa perspectiva, o cinema é uma sala de aula. A sala de aula é o filme. Não se trata de deslocar para o espaço da sala de aula o vídeo, o DVD ou um projetor. Estes recursos têm sido utilizados na sala de aula de modo mecânico, ilustrativo, o que conduz à inércia do pensamento. A questão é se apropriar da narrativa cinematográfica no processo da escolarização. Nossa definição de cinema entende que esta é uma práxis social orientada pelo e para o mercado. A escola vai se apropriar desses produtos culturais para seus fins específicos (2007, p. 01).

O que o autor quis nos dizer é que, para possibilitar ao aluno a construção do seu conhecimento através de atividades com filmes, é fundamental utilizar esses recursos de modo que instigue a reflexão no aluno. Conhecer as potencialidades e as restrições do filme escolhido, ter um planejamento didático-pedagógico adequado para que o filme realmente construa conhecimento também se faz necessário. O autor supracitado também auxilia a entender a necessidade de mudança ao utilizar as mídias, assim se referindo:

A sala de aula já vem incorporando, vem sofrendo, a intervenção dos meios de comunicação de massa com a utilização de jornais, revistas, programas de televisão. Porém, é preciso ver que esses meios podem ser considerados como salas de aula, como espaços de transformação de consciência, de aquisição de conhecimentos; que eles dependem de uma pedagogia crítica, e

que o sucesso dessa pedagogia crítica depende de como vamos ver e ouvir os produtos da indústria cultural (*ibid.*, p.01).

Este planejamento requer dos meios educacionais recursos, investimentos infra-estruturais, pedagógicos etc., e, do professor atitude de disponibilidade para a atualização, abertura de espírito, empenho, responsabilidade e flexibilidade para mudanças.

Nesse sentido, vale lembrar também que, o processo educativo, em sua mais ampla dimensão, deve trabalhar a formação do homem como um todo, numa relação dialética entre teoria e prática, a partir de um contexto histórico, possibilitando a emancipação dos sujeitos. Segundo HABERMAS (1993, p. 99), a emancipação “tem a ver com a libertação em relação a parcialidades [...]. A emancipação é um tipo especial de auto-experiência porque nela os processos de auto-entendimento se entrecruzam com um ganho de autonomia”.

Dessa forma, não podemos pensar na utilização do vídeo de forma que se continue a trabalhar numa atitude passiva dos educandos, numa visão limitada pela técnica, mas sim buscar uma educação que valorize as relações entre os sujeitos, o diálogo, a reflexão, a crítica e a criatividade. E para que isso seja possível, é preciso desenvolver a capacidade discursiva dos educandos, opondo-se à mera repetição e cópia dos conteúdos, em que a linguagem torna-se fator importante neste processo de problematização e de resolução dos problemas, tornando-se uma constante no ambiente escolar. É necessário que os educandos desenvolvam esta capacidade discursiva, para dela fazer instrumento de emancipação.

A educação a partir da utilização da “mídia vídeo” deve preocupar-se fundamentalmente com os processos interativos, uma vez que a interação produz novas aprendizagens e conseqüentemente sujeitos mais esclarecidos e emancipados, como afirma a autora abaixo.

Pelos processos interativos é possível submeter nossas tradições culturais, nossas experiências, os objetivos pedagógicos, os produtos da ciência e da técnica à reflexão e com isso clarificar as normas que orientarão o processo pedagógico e produzir aprendizagens junto aos alunos (e por extensão no meio social) que tornem os sujeitos cada vez mais esclarecidos e emancipados). A emancipação surge, então, da possibilidade de um processo de aprendizagem, assim como a razão é uma aprendizagem (PRESTES, 1996, p. 123-124).

De acordo com Iarozinski (2000), cabe à educação a tarefa de criar condições para que a construção do conhecimento, a partir da utilização da “mídia vídeo” aconteça num processo gradativo de reflexão e crítica, em que as experiências dos educandos sejam ouvidas e a comunicação esteja presente. Desta maneira, as experiências são valorizadas e circunscritas no Mundo da Vida⁵, pois é o mundo da vida que fornece as possibilidades para a emancipação. Contudo, a dimensão do Mundo do Sistema⁶, é também percebida, permitindo desta forma, a produção de um conhecimento crítico, reflexivo e comunicativo. Esse conhecimento dará “subsídios para que os educandos desenvolvam meios capazes de perceber as dimensões em que a técnica, a tecnologia e a ciência podem alcançar” (*ibid.* p. 86). Conhecimento esse que também contribuirá para que os educandos consigam resolver as situações-problemas com que irão se defrontar ao longo de suas vidas. Parafraseando a autora supracitada, não se trata de usar o conhecimento produzido, organizado, que os educadores transmitem, mas aproveitar esse conhecimento e fazer dele um diálogo, uma troca, para desenvolver nos educandos, suas capacidades para que possam atuar de forma crítica e reflexiva frente às transformações tecnológicas que estão ocorrendo nos dias de hoje.

A mudança dessas práticas requer um novo modo de agir e pensar por parte de todos os segmentos da comunidade escolar, em especial dos educadores e educandos. Ou seja, implica em novas posturas e práticas dos educadores frente ao desafio de se trabalhar com a “mídia vídeo”. Juntos, é possível percorrer um caminho rumo às práticas de ensino-aprendizagem diferenciadas através de uma razão que dialoga. Essa mudança “significa não existir mais um sujeito que age “sobre o outro”, mas um sujeito que age “com o outro”, fundamentado na razão dialógica em busca de entendimentos” (*ibid.*). A partir do momento em que a educação com as diversas mídias esteja voltada ao entendimento, “ela se orienta por processos de aprendizagem, a racionalidade ali presente emancipa os sujeitos que dela participam” (PRESTES, 1996, p. 124).

⁵ Segundo Habermas, é o horizonte sobre o qual se edificam as relações e interações intersubjetivas da cotidianidade. É relacionado aos três mundos sobre os quais os sujeitos, ao agirem com o propósito de entendimento mútuo, baseiam suas definições comuns das situações: objetivo, social e subjetivo. Mundo objetivo é a totalidade de entidades sobre as quais é possível preferir-se frases verdadeiras: é o mundo dos fatos, dos acontecimentos. Mundo social é a totalidade de relações interpessoais legitimamente reguladas: são as normas. Mundo subjetivo é a totalidade das experiências à qual o sujeito falante tem acesso privilegiado e que, se assim o quiser, pode expressar perante um público: são os sentimentos e emoções.

⁶ De acordo com Habermas, o Mundo do Sistema pode ser considerado como o mundo formal, das regras, das leis, das normas, etc., ou seja, um mundo artificial criado pelo próprio homem visando ao êxito e ao domínio sobre a natureza. Ele se reflete na organização da sociedade, na educação, na abordagem científica etc.

Para que aconteça a construção de um conhecimento crítico, reflexivo e comunicativo que vise à emancipação, é imprescindível a constante orientação do educador neste processo, possibilitando a troca de ideias, os relatos, as discussões tão importantes neste processo que tão comumente acontecem na sala de aula.

Nas palavras de Habermas (1987b, p. 70):

Não são, entretanto, novas tecnologias que demarcam o caminho do progresso de uma formação social nas etapas progressivas de reflexão; por seu intermédio se suprime o caráter dogmático de formas de dominação e de ideologias superadas, a pressão do quadro institucional é sublimada e o agir próprio à comunicação libera-se como (um) agir que promove a comunicação propriamente dita. Com isso antecipa-se o objetivo de tal dinâmica, a saber: a organização da sociedade exclusivamente sobre a base de uma discussão livre de qualquer forma de dominação repressiva.

Se quisermos pensar numa educação com a utilização da “mídia vídeo” baseada na comunicação precisamos ter como ponto de partida o diálogo. Neste sentido, as ações didático-pedagógicas devem necessariamente começar pela interação, em que a relação educador-educando estará fundamentada no processo dialógico, crítico e reflexivo com vistas à emancipação. Assim sendo, a seguir discutiremos algumas estratégias pedagógicas para a utilização do vídeo em sala de aula.

Estratégias pedagógicas para utilização do vídeo em sala de aula

O filme, como ferramenta pedagógica, é a oportunidade de desenvolvimento num momento formal de aprendizagem, proporcionando descoberta e novas habilidades, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. Nesse contexto, o planejamento é fundamental para a construção de estratégias, no qual o presente é construído a partir do que se pensa sobre o passado e do que se espera para o futuro. Por isso, o planejamento deve levar em conta os conhecimentos prévios e adquiridos de cada indivíduo. Planejamento é, portanto, o instrumento que vai objetivar a intervenção do professor, no qual organizar e sistematizar são considerados paradigmas para o exercício da prática pedagógica.

De forma resumida, o planejamento requer uma sequência de atividades, que iniciam, conforme Márcia Luz, “pela escolha do filme mais apropriado para o tema que se deseja trabalhar; pelo conhecimento do filme na íntegra, selecionando previamente as cenas que se deseja utilizar; pela escolha da metodologia que será utilizada para a

exploração do filme, apresentação da sinopse do filme e orientação sobre que aspectos deverão ser observados” (2005, p. 01).

A esse respeito, a autora ainda afirma que,

É possível pedir para que cada um anote suas observações, sugerir a construção de um painel com os sentimentos ou conclusões de cada participante, abrir espaço para um debate, entre outras possibilidades. Seja lá qual for a metodologia escolhida, prepare-se para ser surpreendido com a infinidade de aspectos que o grupo enxergou no filme e que talvez havia lhe escapado. Isto acontece pela sinergia grupal; a discussão acerca das diferentes percepções abre possibilidades riquíssimas, que o indivíduo sozinho, seria incapaz de alcançar (*ibid.*, p. 01).

Sob esse aspecto, é necessário ter objetivos bem definidos, planejar cada situação de aprendizagem, levando em conta o tema do filme, o tempo, o espaço, as interações e o envolvimento do aluno. Não adianta ter um planejamento bem elaborado, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com os alunos; se ele apenas atua, e não partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano.

A aprendizagem é, portanto, construída nas interações com o outro. Por isso, é importante assumir a tarefa de mediador na utilização de filmes como instrumento pedagógico. Aprender a observar, manter uma atitude receptiva e aberta, recolher informações que sirvam para interpretar e questionar os novos processos de ensino e aprendizagem que ocorram com o aluno, se faz fundamental nesse processo.

O Show de Truman – O Show da Vida

De acordo com o filme “O Show de Truman – O Show da Vida”, dirigido por Peter Weir (1998), Truman Burbank (interpretado por Jim Carrey) é o primeiro bebê legalmente adotado por uma corporação, que adquiriu os direitos de vida e imagem da criança. Ele fica preso em Seaheaven, uma cidade artificial, construída em um estúdio de Hollywood. Desde criança é obrigado a viver no meio de falsidades e mentiras, uma vez que em Seaheaven nada é verdadeiro, pois tudo não passa de um show televisivo.

O filme começa quando o programa: o *Show de Truman - O Show da Vida* já conta com 10.909 capítulos. O show é assistido por 1,7 bilhões de pessoas que acompanham a trajetória de Truman desde o seu nascimento, seus primeiros passos, sua primeira palavra, enfim, toda a sua história. Truman é assistido em 220 países e suas imagens são captadas por aproximadamente 5 mil câmeras. Ele é protagonista de um

show televisivo até os seus 30 anos. Tudo é transmitido ao vivo e sem cortes, 24 horas por dia, sete dias por semana. Todo o “espetáculo” acontece no maior estúdio do mundo, feito por Hollywood, que juntamente com a muralha da China, são as duas únicas estruturas feitas pelo homem visíveis do espaço.

Passam-se mais de dois mil anos e Truman está aprisionado em uma “caverna moderna”. Têm sua vida filmada 24 horas por dia. Apesar da aparente normalidade, desconhece que é a principal estrela de um programa de TV, um *Reality Show* transmitido para todo o mundo. Ele é a estrela do show, e não imagina que a cidade onde mora é na realidade um estúdio gigantesco, dirigido por um produtor/diretor/criador, Christof (Ed Harris) e nem que as pessoas que vivem e trabalham lá são atores de Hollywood, inclusive sua esposa, Meryl (Laura Linney) é uma atriz contratada. Seu melhor amigo, Marlon (Noah Emmerich), também faz parte do show. Nesse contexto, pode-se comparar o *Show de Truman* como a reinvenção do mito da caverna de Platão, descrito por Stigger da seguinte maneira:

O filósofo descreve homens acorrentados em uma caverna escura, que tomam por mundo verdadeiro o breu do ambiente a que foram aprisionados. Os prisioneiros, incapazes de movimentar a cabeça e, conseqüentemente, verem uns aos outros ou mesmo a si próprios, gastam os dias e as noites a observar sombras de marionetes, que se projetam numa parede em frente a seus olhos, conduzidas por outros homens que se colocam atrás dos prisioneiros. Como os homens acorrentados poderiam aventar a hipótese de que existe um mundo acima da caverna, um mundo exterior, em que as sombras são projetadas por marionetes e as marionetes, por sua vez, são cópias de seres e coisas? Como poderiam desconfiar de que o mundo que tomam por real é falso? Um dia, um dos cativos se liberta e sai da caverna. Olhando para o alto, para o exterior, chega a conclusão de que o mundo que haviam criado para ele, o mundo da caverna, não passa de ilusão. Livre, descobre que as sombras e as marionetes não são seres reais e que as vozes que ouve na escuridão da caverna não vêm das sombras, mas de outros homens que impunham as marionetes. Por fim, o prisioneiro dá-se conta do engano de sua percepção na vida antiga, quando tomava por realidade o que de fato era aparência. No curso do descobrimento do novo mundo, o prisioneiro distingue a coisa verdadeira daquilo que ele acreditava ser a própria coisa, no estágio anterior (2003, p. 104).

O Show de Truman – O Show da Vida tem a direção de Peter Weir, que por sua vez está a trabalho de uma indústria muito poderosa e lucrativa; a indústria do consumo ou indústria cultural. Em virtude disso, para uma melhor compreensão da análise realizada, se faz necessário explicitar-se sucintamente o que se entende por Indústria Cultural.

A função da Indústria Cultural

O termo indústria cultural foi utilizado pela primeira vez no livro escrito por Adorno e Horkheimer, com o título de “Dialética do Esclarecimento”, publicado em 1947, em Amsterdã. Quando eles se referiram pela primeira vez ao termo, queriam contrariar o uso do termo “cultura de massas” que procurava dar explicações ao fenômeno de reprodução ou adaptação de algumas obras de arte, que eram do alcance apenas da alta sociedade, para a sua massificação e consumo junto ao grande público. A designação de “cultura de massas” queria dizer, na ótica de Adorno & Horkheimer, que tal cultura estava emergindo das massas de forma democrática, quando na verdade o que havia era uma imposição de cima para baixo deste consumo. Por isso, segundo eles, um conceito que poderia explicar melhor este fenômeno era o de indústria cultural, pois esta cultura era produzida pelos interesses mercadológicos que visavam não à socialização dos bens culturais, mas ao lucro auferido deste processo. Em síntese, os pensadores queriam definir melhor, com a utilização deste conceito, o fenômeno de transformação da cultura em mercadoria. Nesse contexto, é pertinente a explicação para este fenômeno descrito por Kellner:

Seus proponentes cunharam a expressão “indústria cultural” para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa e os imperativos comerciais que impeliam o sistema. Os teóricos críticos analisavam todas as produções culturais de massa no contexto da produção industrial, em que os produtos da indústria cultural apresentavam as mesmas características dos outros produtos fabricados em massa: transformação em mercadoria, padronização e massificação. Os produtos das indústrias culturais tinham a função específica, porém, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade (2001, p. 44).

Indústria cultural nada tem a ver com as empresas produtoras e nem com as técnicas de comunicação: TV, imprensa, computadores, máquinas de produção em geral etc. Na realidade, esse termo se refere ao uso dessas tecnologias que servem como ferramenta para uma prática social que, por sua vez, tem a função de unificar produção cultural e consumo no mercado.

Foi no século XX que surgiu a ideia de que aquilo que a sociedade é, ou deseja ser, depende muito dos bens que pode comprar e, acima de tudo, do que é certo ou errado a partir dos interesses veiculados pelos meios de comunicação. Meios estes que

têm interesses concretos em fazer com que a massa tenha atitudes correspondentes com aquilo que é interessante para eles.

Em síntese, aparecem poderosas empresas multimídia e conglomerados privados, que passam a conferir um poder cada vez maior às tecnologias de reprodução e difusão de bens culturais, encaixando-as na estratégia de utilizar plenamente a capacidade de produção de bens e serviços de acordo com o princípio do consumo estético massificado (RÜDIGER, on line, 2006).

A partir do ponto em que a indústria cultural é vista como uma máquina, do mesmo modo que os pensadores referiam-se no século XX, a indústria citada tem como um dos seus principais objetivos, subornar a consciência em relação à racionalidade capitalista. E, assim, fazer-se necessária nos grandes centros, para a partir daí, consolidar uma prática, segundo eles, os detentores do poder dessa indústria tem como objetivo usar “padrões aliviadores de tensão”.

Os produtos da Indústria Cultural “desde o mais típico, o filme sonoro”, paralisam (a imaginação e a espontaneidade) pela sua própria constituição objetiva. São feitos de tal modo que a sua adequada apreensão exige não só prontidão de instinto, dotes de observação e competência específica como também são feitos para impedir a atividade mental do espectador, se este não quiser perder os fatos que lhe passaram pela frente (ADORNO E HORKHEIMER, on line, 2006).

A prática da indústria cultural articula, gerencia e desativa os problemas sociais e impulsos individuais dos seres humanos sob as condições atuais, de tal modo que, por mais que esteja distorcido e finalizado, ela permite que o indivíduo expresse seus medos, como também seus anseios com relação à vida em sociedade. Nesse caso, sua intenção consiste em articular os impulsos recalcados, a fim de construir modelos de comportamento, promovendo a inversão de valores.

A programação transmitida, muitas vezes avaliada criticamente, é bem menos importante do que suas funções de preencher um ambiente, matar o tempo ou entreter o indivíduo, e isso não é por acaso, pois a comunicação, desde o século passado, vem perdendo espaço gradativamente para as mídias de controle que, propositalmente, acabam estereotipando a capacidade de se entender e discutir a realidade. Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho apresenta na sua continuidade a metodologia utilizada, conforme se vê a seguir.

Metodologia utilizada para analisar o filme o Show de Truman

Este artigo tem como fundamentação a pesquisa bibliográfica e é caracterizada por uma abordagem qualitativa. É realizada uma análise de duas cenas do filme “*O Show de Truman – O Show da Vida*”, com o objetivo de observar as reações das pessoas que, na trama, assistem ao filme. Foram selecionados três tipos de expectadores e ambientes. Primeiro, pessoas que assistem ao programa em um bar, cujo nome é “Truman Bar”; depois, duas senhoras que estão na sala de suas casas, sentadas em um sofá; a seguir, um homem na banheira de sua casa.

Neste trabalho apresenta-se um relato de experiência com a utilização da mídia vídeo. A ideia surgiu da necessidade de trabalhar a mídia vídeo de modo diferente, de uma forma viva e dinâmica, conduzindo e instigando o aluno a construir seu próprio conhecimento, levando-o a raciocinar e desenvolver seu lado crítico.

Para a realização deste trabalho, dentre outros recursos, foi utilizado o filme “*O Show de Truman*”, cujo enredo é sobre o formato televisivo de *reality shows*. Reuniu-se uma turma de 21 alunos da 3ª série da Escola Estadual de Ensino Médio João Isidoro Lorentz, na cidade de Formigueiro/RS, durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, por um período de três semanas. Esta atividade teve o intuito de descrever e compreender as relações do filme com a indústria cultural, a partir da análise das cenas do filme. É importante salientar que este trabalho foi possível de se realizar, porque os alunos da 3ª série dessa escola possuem um conhecimento prévio da teoria de diferentes filósofos que são trabalhados na disciplina de Filosofia.

Antes da exibição do vídeo, houve um momento de preparação dos alunos para o conhecimento do tema “Indústria Cultural”, que seria discutido posteriormente. Por se tratar de um tema bastante amplo, seguiu-se uma linha de raciocínio em que se discutiram, basicamente, o que fica implícito no termo em questão, quais as reais intenções da mídia ao “divulgar” cultura para a população, por que da associação dos termos cultura e indústria. Também foi entregue aos alunos um roteiro de observação para que eles fizessem anotações sobre partes específicas do filme, ressaltando as duas cenas que seriam trabalhadas. Após a exibição, no tempo restante, os alunos tiveram a oportunidade de expor as emoções e sensações que o vídeo lhes despertou.

Na aula do dia seguinte, foram organizados grupos e a estes foram distribuídos pensamentos de diversos autores para que, a partir de suas reflexões, os relacionassem

com um fragmento do filme. Os pensamentos e fragmentos do filme distribuídos para análise foram os seguintes:

“Já estão cansados de atores com emoções falsas?” (Christof, diretor).

“Pode-se admirar o homem como um gênio construtor poderoso, que consegue levantar uma catedral de conceitos infinitamente complicada sobre fundamentos que se movem e sobre a água que corre; é verdade que, para encontrar apoio sobre um tal fundamento, ela precisa ser uma construção como que de fios de teia de aranha, tão delicada que possa ser carregada com as ondas e tão firme que não possa desmanchar-se assoprado pelo vento” (NIETZSCHE, 1873).

“Quero ser um grande explorador como o grande Magalhães” (Truman, em sua infância).

“Somos como navegadores que precisam reformar seu navio em mar aberto, sem poder jamais desmontá-lo num estaleiro e tornar arrumá-lo a partir de peças melhores” (NEURATH).

“Nada do que se vê no show é falso. É meramente controlado” (Marlon, amigo).

“A vida aparece como um capital inesgotável de sentido, de formas de existência que extrapolam estruturas de comando” (PELBART).

“Aceitamos a realidade do mundo na qual estamos presentes” (Christof, diretor).

“As forças vivas presentes na rede social deixam de ser reservas passivas à mercê de um monstro insaciável, para se tornarem positividade imanente e expansiva que os poderes se esforcem em regular, modular ou controlar” (PELBART).

“Seahaven é um modelo de mundo” (Christof, diretor).

“Somos todos poetas” (WITTGENSTEIN, 1968), pois somos os autores da nossa história. Se é a partir da linguagem que construímos o mundo em que vivemos, há tantos mundos quanto as linguagens que possam existir. Não existe uma realidade comum a todos, mas muitas, concernentes às diversas linguagens existentes. A própria realidade é, portanto, contextual.

“Dei a Truman a chance de viver uma vida normal” (Christof, diretor).

“Aos homens a vida é dada sob a condição de viverem em conjunto. São indivíduos singulares, únicos e exclusivos, que não vivem em conjunto pela força das circunstâncias, mas porque são, em sua essência, também plurais. Todo indivíduo é, simultaneamente, um eu e um nós” (HANNAH ARENDT).

“Que direito você tem de pegar um bebê e transformar sua vida em uma palhaçada. Não se sente culpado?” (Sylvia, crítica).

“A tarefa fundamental do pensar é descongelar as definições que vão sendo produzidas, inclusive pelo conhecimento e pela compreensão e que vão se cristalizando na história. É livrar o sentido e o significado dos acontecimentos e das coisas da camisa-de-força dos conceitos. Derrubar e abrir verdades prontas e estabelecidas é a maneira que o pensamento encontra para buscar o sentido de coisas que insistem em se tornar irrespondíveis, como a felicidade, a mortalidade, a justiça, o bem, o mal, etc.” (HANNAH ARENDT).

Neste trabalho, os alunos deveriam buscar identificar quais pontos convergiam e quais se distanciavam e se era possível encontrar aproximações com a prática vivenciada no dia a dia. Com a ajuda do roteiro que continha suas próprias observações, os alunos puderam opinar sobre o vídeo, além de discutir sobre o assunto. Durante a exibição do vídeo, prestaram bastante atenção aos detalhes presentes no roteiro, para que pudessem elaborar um relatório. A seguir, relataram suas experiências oralmente deixando suas impressões sobre o que vivenciaram e o que ficou em relação ao filme assistido na íntegra.

Após a discussão no pequeno grupo, as ideias foram apresentadas ao grande grupo em forma de seminário. Foi instigada nos alunos a reflexão sobre as imagens abordadas no filme, estabelecendo uma relação com suas práticas cotidianas numa sociedade fundamentalmente capitalista, bem como quais concepções de mundo e de homem é possível delinear.

O ápice da discussão se deu no momento em que os alunos perceberam que, apesar da tentativa de manipulação por parte do sistema, nenhum processo é absoluto a ponto de cancelar todas as possibilidades do ser humano, existindo saídas para o comportamento alienado. Como visto no próprio filme, ao libertar-se, Truman mostra que ninguém consegue dominar o tempo todo, que é possível livrar-se das condições que aprisionam os indivíduos aos paradigmas unidimensionais do mundo moderno. Este

domínio não é totalitário a ponto de desautorizar o indivíduo de dizer “não” às suas mensagens, saindo, portanto, da condição de “objeto” passivo.

Desse modo, ao avaliar os relatórios e a participação dos alunos nos debates, pôde-se concluir que, ao interpretar o que está por trás de muitas das práticas do sistema e do esquema da mercantilização da cultura, é possível criar possibilidades de interferência, a fim de obter um equilíbrio entre o que é essencial ou não. Interpretando as cenas do filme, o trabalho contribui para refinar a formação da opinião pública do educando, no sentido de auxiliar na ressignificação das cenas banais do cotidiano, além de comprovar a eficácia do vídeo como estratégia pedagógica no processo ensino e aprendizagem.

Cenas do filme referentes à Indústria Cultural

Cena 01: Truman, desde criança, imaginava que seu pai havia morrido em um acidente de barco, acidente este que Truman presenciou. Foi uma maneira de tirar seu pai de “circulação”, não era mais importante a presença de seu pai no programa naquele momento, então o diretor do programa criou uma cena em que Truman e seu pai passeavam de barco no mar. Veio uma tempestade e seu pai caiu no mar e nunca mais foi encontrado. Após vários anos, Truman o reencontra vivo. Isso por que Truman agora com trinta anos, já começa a desconfiar de algumas coisas referentes à sua vida, uma delas é o desaparecimento do seu pai, então o diretor do programa achou conveniente fazer com que o pai de Truman reaparecesse. Esta cena é comandada por Christof, o diretor do Reality Show, em que tem um alto grau de drama e emoção.

Enquanto a cena em questão acontece, aparecem outras cenas ligadas aos telespectadores que assistem ao *Show de Truman*. Cenas como: Duas garçonetes do bar (Truman Bar) estão abraçadas com cara de choro assistindo a “emocionante” cena, depois, aparece duas senhoras sentadas lado a lado no sofá de casa emocionadas, uma delas está abraçada com uma almofada que tem como estampa o rosto de Truman.

Cena 02: Neste momento aparecem três cenas curtas:

As pessoas do bar (Truman bar), um homem numa banheira em sua casa e duas senhoras sentadas em um sofá, em casa. Todos, estáticos, paralisados, quase sem piscar, assistindo ao “show”.

Análise das cenas referentes à indústria cultural

As cenas analisadas são as que o público assiste no “O Show de Truman” com o intuito de observar as reações das pessoas. Foram selecionados três tipos de espectadores e ambientes. Primeiro, pessoas que assistem ao programa em um bar, cujo nome é “Truman Bar”; depois, duas senhoras que estão na sala de suas casas, sentadas em um sofá; a seguir, um homem na banheira de sua casa.

Na cena 01 acompanham-se as garçonetes do bar. Elas estão abraçadas e emocionadas, assistindo ao programa de costas para os clientes do bar. Neste ponto, nota-se que as duas garçonetes estão ali paradas “consumindo” um produto da indústria cultural. No mesmo sentido, veem-se as duas senhoras em casa, onde uma delas está abraçada com uma almofada que traz a estampa do rosto de Truman. Nesta cena nota-se como a indústria cultural lucra a partir de outros produtos, fora o *merchandising* do programa. Neste caso foi a almofada com o rosto de Truman. Isso tudo acontece enquanto Christof está dando um verdadeiro “show” de direção, mostrando aquilo que a indústria cultural e os meios de consumo mais enfatizam: a dramaticidade e a emoção, conseguindo, assim, deixar as pessoas estáticas, apenas “consumindo o programa”.

Na cena 02, a alienação das pessoas mostra-se novamente. O homem na banheira, as pessoas do bar e as duas senhoras. Todos estão passivos assistindo ao programa. As pessoas aparentam estar com a imaginação e espontaneidade paralisadas. Podemos caracterizar a alienação das pessoas evidentemente mostrada no filme, como um comportamento reificado⁷, uma vez que as mesmas agem conforme as leis do mundo das “coisas”, ou seja, apresentam um comportamento totalmente passivo diante da “diversão”. “A indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 128). A diversão é sempre alienante, pois em nenhum momento instiga a refletir sobre o todo.

Sem dúvida, estas passagens do filme nos fazem inferir que tais ambientes encontram-se impregnados de meias informações e verdades e que essas pessoas estão contagiadas pela cultura de massa divulgada cotidianamente pela mídia. Em meio a esses fatores, Trevisan nos lembra que “A dialética da formação ocorre no nível

⁷ De acordo com Bottomore (1988), reificação significa “a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas.

progressivo, “espiritual”, de engrandecimento do espírito ou da consciência, enquanto a reificação acontece no sentido contrário, isto é, na materialidade do trabalho alienado que transforma regressivamente o sujeito em objeto, isto é, em coisa” (2009, p. 04). A coisificação se estabelece de fora para dentro e molda o indivíduo limitando a sua compreensão do existente. Nesse contexto, os indivíduos primeiramente se relacionam com o universo das imagens, que para ele é o universo cultural, para somente depois entrar em contato com o produto. “Esse relacionamento com a imagem é o que prende o sujeito à teia do consumo, tornando-o incapaz de transcender esse nível de objetividade” (*Ibid*, p. 8).

Como evidenciado no filme, não se pode negar que a indústria cultural atual incorpora os elementos característicos do modelo industrial moderno, moldando padrões de estilo, comportamentos e hábitos a favor do capital. Contudo, o indivíduo não precisa cultivar relações neutras ou de indiferença frente ao que está sendo veiculado, uma vez que nenhum processo de reificação é absoluto a ponto de cancelar todas as possibilidades.

Considerações finais

A história de Truman basicamente retrata a condição decadente do ser humano frente ao poder e influência da mídia na sua vida. É uma clara alusão ao *status* de mercadoria que impera na sociedade quando aceitamos passivamente tudo o que é imposto pela mídia, sem questionamento do que de fato está por trás desse jogo de interesses. O modelo social disseminado pela mídia não visa formar cidadãos autônomos ou livres para fazer suas próprias escolhas. Estimula-se sempre atitudes irreflexivas frente ao que são induzidos a consumir e ao modo como são induzidos a se comportar. O personagem Truman, por um momento, é a personificação deste comportamento irreflexivo, acrítico e passivo frente ao controle excessivo da mídia.

O trabalho realizado com o filme “*Show de Truman*” evidencia claramente a contribuição da “mídia vídeo” no processo ensino-aprendizagem dos alunos, pois se pôde perceber que a prática reflexiva trouxe nova postura e novas perspectivas aos mesmos. A atividade construída a partir da interação com o outro, proporcionou o diálogo, a reflexão, a crítica e a criatividade dos alunos. Também foi possível visualizar que os educandos aprimoraram a sua capacidade discursiva, instrumento esse, essencial

para a emancipação do sujeito. Além disso, a atividade procurou trabalhar uma outra política educativo-cultural, que é provocar a criticidade do aluno de modo que ele possa interpretar o que está por trás do esquema da mercantilização da cultura. Ao fazer essa leitura o aluno terá mais condições de obter um equilíbrio entre aquilo que é necessário e aquilo que sustenta a lógica do mercado.

A prática educativa, através de intervenções contextualizadas com as mídias e o mundo da vida, abre outras formas de compreensão da pluralidade de sentidos que emergem do acervo cultural. Podemos entender a educação como um processo que auxilia o educando a atribuir sentido a sua vida, a partir dos conhecimentos veiculados em sua cultura e no seu cotidiano. Dessa forma, a educação pode auxiliar a interpretar a lógica que está nas entrelinhas do sistema, a fim de educar para a afabilidade com os seres humanos e a sensibilidade com a natureza. Nesse processo, educar significa colocar o indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura para que, inserindo-se nela, possa viver e realizar-se, a fim de descobrir seus próprios valores e significados.

Enfim, os educadores podem, nesse sentido, assumir o papel fundamental de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais atrativo, instigante e eficaz através de práticas inovadoras que proporcionem mais qualidade na educação, e sem dúvida, uma dessas possibilidades é através da “mídia vídeo”.

Referências

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A Teoria Crítica**. 2006. Disponível em: <http://www.indcultural.hpg.ig.com.br/ateoriacritica.htm>>

BOTTOMORE, T. (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1988.

CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro**. Disponível no site www.rioei.org/rie32a04.htm.

COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1978

DORNELES, C. M., BRAGA, V. L. S. e ZANON, A. M. **A televisão e a sala de aula**. 2009. Disponível em <http://www.sed.ms.gov.br>.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia educação e cidadania**: Tudo o que você deve saber sobre a mídia. Petrópoles, RJ: Vozes, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Tradução de: José N. Heck. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987b.

_____. **Passado como futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, Ltda., s.d.

_____. **Teoría de La acción comunicativa I**: Racionalidad de La Acción y Racionalización Social. Madrid: Taurus, 1987a.

IAROSINSKI, Maristela Heidemann. **Contribuições da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas para a Educação Tecnológica**. Paraná, 2000. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

JAPIASSÚ, Hilton. & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 4ª Ed., Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia – Estudos Culturais**: Identidade e Política entre o Moderno e o Pós Moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LUZ, Márcia; PETERNELA, Douglas. **Lições Que a Vida Ensina e a Arte Encena**. São Paulo: Alínea, 2005. Trecho do livro, disponível em: <www.marcialuz.com.br/artigos_teste/vida_ensina.doc>.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo, Ed. Pancast, 1993.

NASCIMENTO, Laura. **Show de Truman - O Show da Vida**. 2007. Disponível em: <www.cinemaemcasa.com.br>

PRESTES, Nadja H. **Educação e racionalidade**: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**. 2006. Disponível em <http://members.fortunecity.com/franrudiger/Mat5.htm>>

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Formação ou Reificação? A Educação Entre o Mesmo e o Outro**. Trabalho apresentado durante a 32ª Reunião Anual da ANPEd, no período de 04 a 07 de outubro de 2009, em Caxambu/MG.